

A comunidade científica internacional no campo da comunicação¹

MANUEL PARÉS I MAICAS², JOSÉ MARQUES DE MELO³
E MARCELO BRISENO MARQUES DE MELO⁴

Resumo

O Catedrático espanhol Manuel Parés i Maicas, recém empossado como Presidente da IAMCR - Associação Internacional de Pesquisa sobre Mídia e Comunicação - dialoga com J. Marques de Melo, diretor responsável da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, sobre a comunidade internacional de cientistas da comunicação e sobre as tendências da pesquisa na área.

Palavras-chave: Teoria e Pesquisa da Comunicação. História das Ciências da Comunicação.

Resumen

El Catedrático español Manuel Parés i Maicas, nuevo presidente de la IAMCR - Asociación Internacional de Estudios e Investigaciones sobre Comunicación Social - dialoga con J. Marques de Melo, director de la *Revista Brasileña de Ciencias de la Comunicación*, sobre la comunidad internacional de investigadores de la comunicación y sobre las tendencias de los estudios en este campo.

Palabras-clave: Teoría e Investigación de la Comunicación. Historia de las Ciencias de la Comunicación.

Abstract

Professor Manuel Parés i Maicas, Spanish Scholar and new president in charge of IAMCR - International Association for Media and Communication Research - dialogue with J. Marques de Melo, Director of the *Brazilian Journal of Communication Sciences*, about the international community of communication scholarship and the tendencies of the research on the field.

Keywords: Communication Theory and Research. History of the Communication Sciences.

¹ Diálogo gravado no dia 30 de julho de 1998, na cidade de Glasgow, Escócia, durante a XXI Conferência Científica da IAMCR - International Association for Media and Communication Research. O texto foi posteriormente transcrito e editado em São Paulo.

² Professor Catedrático e Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Presidente da IAMCR - International Association for Media and Communication Research (1998-2002). Email: IDEG1@cc.uab.es

³ Presidente de Honra da INTERCOM e Diretor Responsável da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Email: jodmelo@usp.br

⁴ Bacharel em Comunicação Social - Rádio-TV pela Universidade Metodista de São Paulo - UNESP. Responsável pela transcrição do texto, tradução para a língua portuguesa e edição final.

José Marques de Melo – *Vamos entrevistar o cientista espanhol, nascido na Catalunha, que acaba de ser eleito presidente da associação internacional das ciências da comunicação, mais conhecida pela sigla AIERI, em francês, ou IAMCR, em inglês. Trata-se de Manuel Parés i Maicas, professor da Universidade Autônoma de Barcelona, onde vem atuando como catedrático há alguns anos e dirigindo a cátedra UNESCO de Comunicação. Manuel, eu gostaria de lhe propor algumas questões sobre a comunidade acadêmica internacional de ciências da comunicação e sobre sua trajetória intelectual. É uma tentativa de mostrar aos leitores da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação as tendências atuais do nosso campo de estudo. A primeira questão que quero fazer é como você vê a nossa comunidade acadêmica internacional, nesse momento que assume a presidência do AIERE, que sem dúvida é a entidade internacional mais representativa dentro do campo da comunicação.*

Manuel Parés i Maicas – Evidentemente, estamos numa fase de evolução, de mudança. Neste momento, por exemplo, o tema das novas tecnologias de comunicação, que nos últimos anos foi hegemônico, começa a decrescer no interesse dos pesquisadores. Hoje o problema dominante é a globalização. Ela se insere em todos os campos, não só na economia, mas também na política, enfim em toda a sociedade. Observo que a comunidade internacional da comunicação, pelo menos na IAMCR, adquire uma fisionomia cada vez mais globalizadora, apesar da forte presença americanizada. Por outro lado assisto um fenômeno interessante, pesquisadores de outros países, que não só por razões lingüísticas, mas também por razões culturais, estão tentando encontrar um caminho, uma nova “senda”, diferente daquela imposta durante muitos anos pelos cientistas anglo-saxões. O caso que conheço, talvez o mais interessante, é o caso latino-americano. Os pesquisadores latino-americanos oferecem uma magnífica variedade de interesses, buscando seus próprios caminhos, e neste sentido me parece muito positivo. Entretanto a nossa associação, evidentemente a mais internacional de todas, ainda é basicamente uma associação de cientistas do primeiro mundo. Quando digo primeiro mundo, falo basicamente da América do Norte e Europa. Existe uma corrente, crescente de investigadores asiáticos, na maioria japoneses e coreanos, também um certo número de indianos. Mas a Ásia no geral está muito mal representada, sendo um quarto do mundo em número de habitantes; no quadro da IAMCR temos poucos sócios asiáticos. Talvez a perspectiva mais estimulante, no sentido de abrir novos caminhos para a associação, se encontra, repito, no caso latino-americano, basicamente pela presença crescente de investigadores brasileiros, mexicanos, argentinos. A grande problemática é a África, assim como os países árabes. Por exemplo, o tema da comunicação e o Islã, que tem sido abordado por alguma razão, é um tema que está pouco desenvolvido. E no caso africano nos encontramos com um grande lacuna. Porque a situação econômica e política da África, claramente subdesenvolvida, fica muito bem refletida no campo dos estudos comunicacionais.

José Marques de Melo – Outra questão que quero formular refere-se ao campo das ciências da comunicação. A IAMCR foi criada há mais de quarenta anos, sendo uma entidade que se estruturou tendo principalmente a contribuição das ciências sociais. Tais disciplinas, como a economia política, a sociologia, a psicologia social, o direito e a história estão muito demarcadas na configuração das seções permanentes da IAMCR. Elas refletem o estudo dos fenômenos comunicacionais sob a ótica das ciências sociais. Nos últimos cinquenta anos o campo mudou muito. Ainda que as disciplinas das ciências sociais venham contribuindo para equacionar os problemas comunicacionais, as práticas sociais da comunicação configuraram perfil próprio, assumindo um protagonismo dentro das universidades que superou a fragmentação disciplinar ainda vigente na IAMCR. Como você vê o campo e ao mesmo tempo que idéias e sugestões você tem para que a IAMCR faça uma transição desta velha estrutura, ancorada somente nas ciências sociais, e trate de criar uma nova forma de organização do saber, de modo a fortalecer aqueles sujeitos e objetos característicos do universo midiático que está no centro dos interesses das novas gerações de pesquisadores da comunicação?

Manuel Parés i Maicas – O problema é que as ciências da comunicação, que, como você disse, foram estruturadas a partir das ciências sociais, talvez ainda não encontraram seu próprio terreno de análise e de experiência. Quando se fala de ciências da comunicação, por exemplo, na França, se fala de comunicação e informação e não se diferenciam ambos os conceitos. Eu creio que o grande problema das ciências da comunicação, hoje, é que elas se converteram no segmento acadêmica mais em moda no conjunto das ciências sociais. E isso é fruto do protagonismo que assumiram na agenda dos próprios meios de comunicação de massa. Também é certo que quando falamos de ciências da comunicação nos encontramos com dois objetos que nem sempre estão unidos. Um é o do conteúdo da comunicação e o outro é constituído pelos meios e processos através dos quais comunicação se desenvolvem. Ainda hoje existe uma grande atração para falar das ciências da comunicação em função, por exemplo, das práticas sociais, como o jornalismo. Eu penso que as novas fórmulas da comunicação do mundo informatizado, o novo conceito de informação digitalizada, pode dar lugar a novas possibilidades. Mas o que acontece é que não existe um encaixe muito claro entre o que se ensina, o que se pesquisa e o que se pratica. Existem muitos casos, na realidade concreta em que vivemos, que ilustram essa defasagem. Você me pede um diagnóstico. Para mim não é fácil formulá-lo porque eu me desencantei academicamente com uma disciplina, a comunicação política, que relaciona ciência política e comunicação. Eu observo, nesse terreno que é mais ou menos o meu, que os “politicólogos” ainda estão presos à antiga roupagem da política. Gostemos ou não, a vida política passa, cada vez mais, por sua expressão através dos meios de comunicação. Isto quer dizer: o interesse que os “politicólogos” tiveram até hoje pelos fenômenos da comunicação é muito pequeno e é preciso lutar para abrir novos horizontes.

José Marques de Melo – *Desse ponto de vista, como você vê, por exemplo, a interconexão entre os estudos da comunicação e os estudos culturais? São dois campos que se aproximaram e ao mesmo tempo se distanciaram, desde a tradição inglesa e mais recentemente com as inovações norte-americanas. Como você vê essa relação entre comunicação e cultura, entre ciências da comunicação e ciências da cultura?*

Manuel Parés i Maicas – Eu creio que comunicação é cultura, é uma expressão cultural, um instrumento de expressão cultural. Ocorre que é normal que os antropólogos, que são os estudiosos das ciências da cultura, se mostrem mais bem reticentes em relação aos “estudos culturais”, porque talvez acreditem que eles constituem uma degradação da antropologia. Quero confessar que não sou um especialista em estudos culturais. Portanto, formular teses muito claras não me é possível. Tudo o que conheci dos estudos culturais britânicos me dá a impressão de que às vezes caem numa certa vulgarização de conteúdos para tentar interpretar determinados fenômenos culturais.

José Marques de Melo – *Isso significa que para você os “estudos culturais” não podem ser confundidos com as “ciências da comunicação”?*

Manuel Parés i Maicas – Evidentemente são dois campos distintos. O que não impede que, às vezes, para tentar entender certos fenômenos culturais, seja interessante conhecer como se desenvolvem sob a ótica das ciências da comunicação.

José Marques de Melo – *Outra questão posta na atualidade acadêmica, em vários países, é justamente a identidade da comunicologia. Ou das ciências da comunicação como campo dotado de utilidade social. Muitas vezes existem críticas aos estudos de comunicação que se realizam nas universidades, acusando-os como reiterativos, no sentido de retroalimentar os desejos dos próprios pesquisadores. Mas não dizem nada à realidade, no sentido de contribuir para a transformação da sociedade, para o aperfeiçoamento dos processos que ocorrem nas empresas, nos governos, nos movimentos sociais. Como você vê esta questão?*

Manuel Parés i Maicas – Eu posso responder pela perspectiva mais próxima a mim, que é a espanhola. Parece-me que a comunicação está presa demais no terreno dos meios e muito menos preocupada com a problemática de como incide o fenômeno da comunicação, por exemplo, no campo educativo, ou no âmbito da saúde. Podemos ver que a comunicação é um campo com possibilidades em todos os terrenos, não só no campo do governo, como em qualquer manifestação de caráter social. Você citou o mundo da empresa: é evidente que hoje a comunicação institucional é um tema importante, porque realmente os processos decisórios numa empresa são fundamentalmente processos comunicativos. Se fala muito do diálogo

interdisciplinar. Mas se analisamos a interdisciplinaridade no campo das ciências da comunicação nos damos conta que somos muito menos interdisciplinares do que pretendemos ser. Uma pessoa que se ocupe da comunicação televisiva tem normalmente muito pouco interesse para estudar, por exemplo, os problemas da comunicação no campo da saúde ou segurança.

José Marques de Melo – *Continuando um pouco nesse rumo da colaboração entre a universidade e a sociedade, no âmbito dos estudos de comunicação, como você vê a possibilidade que a IAMCR intervenha neste cenário em que atua a comunidade acadêmica internacional? Tenbo a impressão de que a IAMCR, nas suas raízes, nos seus primeiros momentos, procurou construir relações entre a universidade e a sociedade. Refiro-me principalmente à influência que a nossa comunidade exerceu dentro dos fóruns da UNESCO. As nossas primeiras conferências científicas, lideradas por Fernand Terrou, Jacques Kayser, Raymond Nixon estavam muito sintonizadas com a agenda das políticas públicas, seja pautada pelos governos ou pela própria mídia. Isso também se manteve durante o período de James Halloran. Mas, nos últimos tempos, o que se vê de fora, é que IAMCR se fechou sobre si mesma. Pouco tem influído nessa relação internacional das universidades com a sociedade. Hoje, vivemos um mundo globalizado, em que há mais facilidades para isso. Que possibilidades teríamos de ampliar esse horizonte?*

Manuel Parés i Maicas – Eu penso que você tem razão. É preciso levar em conta que a maioria dos membros da IAMCR são por sua vez professores de universidade. O que ocorre é que, talvez, concentraram demasiadamente seus esforços na autopromoção, Talvez para viajar agarram-se a determinadas questões, afastando-se dos problemas reais da sociedade. Eu observo que deveria haver uma mudança bastante substancial do conteúdo de muitas das nossas sessões permanentes. Algumas sessões já não respondem às exigências atuais. Por exemplo, o tema da publicidade tem pouquíssima visibilidade nas nossas conferências. O setor das relações públicas tem pouquíssima presença. A propaganda em toda sua problemática só é vista às vezes em comunicação política. A sociedade transita por novos caminhos, mas os pesquisadores continuam interessados por aspectos que talvez fossem importantes há dez anos. Vendo os *abstracts* das comunicações científicas selecionadas para as últimas conferências, se vê uma escassa busca de novos fenômenos comunicacionais. Houve um tempo em que o tema da AIDS preocupou, mas agora está quase esquecido, quando a doença continua matando em todo o mundo. Particularmente, preocupa-me muito o tema da análise comunicativa das questões de saúde. Os meios de comunicação começam a lhe dar importância, mas observo na âmbito da nossa associação que isto praticamente não se estuda. Este é um tema que me parece muito importante. Seria necessário também ver o que há entre a produção cultural, no sentido mais amplo da palavra, e a comunicação. Eu trabalhei um pouco

no terreno do mecenato e patrocínio. Vejo que o mecenato e patrocínio estão recebendo no mundo econômico e cultural uma grande importância, mas não se olha este tema desde o prisma das ciências da comunicação, sendo que o mecenato e patrocínio são dois fenômenos que tem uma incidência comunicativa muito grande.

José Marques de Melo – *Você vai tomar a iniciativa de introduzir esses temas na pauta de IAMCR ou vai esperar que surjam propostas dos próprios membros da associação?*

Manuel Parés i Maicas – Meu desejo é que fossem os membros da associação que o fizessem. Mas a minha impressão pessoal é que uma das funções básicas de um presidente de associação é a de pensar novos caminhos. E, por sua vez, interessar a determinadas pessoas com que se tem relação e que possuem seriedade investigadora, tratando de estimulá-las a pesquisar tais questões.

José Marques de Melo – *Outro problema que quero propor é relativo à dinâmica multicultural na vida da associação. Você começou esta conversa explicando que via a IAMCR ainda como uma entidade anglo-saxônica. Ao meu ver é verdade o que disse, seja do ponto de vista da direção intelectual da associação, seja da língua que se usa, porque as comunicações são escritas, na maioria, em inglês. Mas há uma presença maior, hoje, de outros grupos na associação, ainda que não majoritária. Então como poderia se dar esse equilíbrio entre as diferentes culturas dentro da associação, o impulso para que, no caso dos africanos, que não estão bem representados e quase não estiveram aqui em Glasgow? Enfim como se poderia lograr um maior equilíbrio entre as comunidades anglo-saxônicas, nórdicas, eslavas, latinas, asiáticas, árabes etc.?*

Manuel Parés i Maicas – Eu pessoalmente não vejo muito fácil. Creio que lentamente assistiremos a um melhor presença de continentes, de países que até a data de hoje tiveram uma participação pequena. Mas há um fenômeno que me preocupa, para o qual não vejo solução. É certo que em parte estamos num mundo globalizado, mas por outra parte com nacionalismos fortes, do tipo regional ou estatal. O problema que vejo é o seguinte: cada cultura gera sua própria língua, entretanto vemo-nos obrigados a utilizar o inglês como veículo de expressão cultural. Eu que sou mais ou menos bi-cultural, por minha nacionalidade catalã e espanhola, me dou conta de que nem sempre é fácil expressar em outra língua determinados matizes de uma cultura própria. Por exemplo, é diferente tentar explicar a cultura catalã em catalão do que explicar em castelhano. Se é assim no caso espanhol, que é um país pequeno, me pergunto como podemos propor uma interculturalidade real entre um africano e um brasileiro? É nesse sentido que o veículo de comunicação é inevitavelmente a língua inglesa. Esta tarde tive uma experiência singular, quando pela primeira vez presidi

uma reunião da diretoria da IAMCR e pedi que três membros formassem um comitê de trabalho. A palavra “comitê” para mim tem uma interpretação, mas observei que alguns anglo-saxões pensavam que estava propondo a criação de um novo comitê, quando na verdade eu chamava ao comitê uma reunião de três pessoas. Eu que sou plenamente consciente do problema da interculturalidade, muito preocupado com o tema da identidade cultural, me dou conta da grande dificuldade comunicacional que se afigura quando um idioma, o inglês, é utilizado para transmitir conceitos provenientes de outras culturas.

José Marques de Melo – *Peço-lhe que fale sobre a questão da identidade cultural a partir da sua própria experiência. Quero que nos dê um pouco de informação sobre o novo presidente de IAMCR. Quem é Manuel Parés i Maicas? Qual a sua formação intelectual, sua linha de trabalho na academia? Um retrato de corpo inteiro do homem que agora tem a responsabilidade de liderar a comunidade acadêmica internacional no campo das ciências da comunicação. Conte sua história, quem é você, sua origem, seus estudos, quem é este catalão, o terceiro latino a presidir a IAMCR e o primeiro da Europa ibérica?*

Manuel Parés i Maicas – Meu caso é um pouco complexo. Nasci em 1933, padeci de paralisia infantil ou poliomielite. Estive muitos anos doente, indo à primeira escola quando tinha oito anos. Venho de uma família humilde, simples, de um dos bairros mais deteriorados de Barcelona. Me vi obrigado a começar a trabalhar muito cedo, aos 17 anos. Minha relação com a universidade se deu pelo sistema de ensino misto, parte à distância, parte presencial. Fui estudante livre, sem a obrigação de frequentar as aulas, mas submetendo-me periodicamente aos exames das disciplinas curriculares. Terminei a carreira de direito aos 22 anos, movido por um aprofundamento intelectual fruto de meu defeito físico. Precisei trabalhar para sustentar a mim e a meus pais. Isto me obrigou a seguir atuando como oficial administrativo, até que em 1959, quando tinha 26 anos, consegui trabalho numa agência de publicidade. Era um cargo sem maior importância, que não preenchia meus desejos e satisfações, mas permitia ajudar meus pais e viver. Depois assumi funções dirigentes na empresa, projetando-me como publicitário e na gerência de atividades de comunicação persuasiva. Tive então a sorte de conhecer aquela que é minha esposa. Isso me transformou completamente. Eu era um homem dominado pela angústia, pela solidão e por um certo sentimento de inferioridade. Ela me ajudou a superar tal situação, incentivando-se a enveredar pela vida intelectual. Em 1972 são criadas na Espanha as faculdades de ciências da comunicação. Em Barcelona se cria uma em que não existe o curso de publicidade. Naquela época, o conselheiro legal da minha empresa, um homem extremamente inteligente, me pede que lhe ajude, fornecendo subsídio intelectual para que se crie a cadeira de publicidade na Universidade Autônoma. Ajudo a fazer o plano de estudos. Em 1972 começo a dar aulas, integrando-me por vocação

intelectual ao departamento de teorias da comunicação. Por muitos anos me mantive na empresa e na universidade, mas fui deixando pouco a pouco a empresa para me dedicar mais à universidade. Em 1978, mesmo não sendo ainda doutor, me nomeiam Vice-Reitor da universidade. Em 1980 defendi minha tese de doutorado sobre a identidade da imprensa espanhola. Nesse mesmo ano o novo Reitor da Universidade me mantém no cargo de Vice Reitor, atribuindo a coordenação dos assuntos internacionais e culturais, o que me permite um amplo campo de iniciativas. Em 1991 conquistei a Cátedra, evidentemente quando já era um homem de idade madura. Em 1986 fui pela primeira vez a uma reunião da IAMCR, junto com meu amigo Miquel de Moragas. Em 1988 trabalhamos na conferência de Barcelona, na qual tive um papel importante. Em 1996 fui eleito Presidente e agora acabo de assumir a liderança da associação. Considero-me *um self made man*. Escrevi alguns livros, mas no campo da pesquisa em comunicação estou descontente comigo mesmo. Faz 20 meses que minha esposa está doente⁵. Por isso, todo meu trabalho intelectual ficou abalado, mas tenho seguido pontualmente todas as minhas atividades acadêmicas.

José Marques de Melo – *Você destaca em sua trajetória pessoal e acadêmica alguns momentos singulares, espécies de situações-limite: você teve um problema de saúde na infância, mas o superou; agora sua mulher está doente e isto interfere na sua atividade intelectual. Se eu pudesse tranquilizá-lo diria simplesmente: esses são fatos fortuitos que fazem parte da vida normal das pessoas. Os intelectuais também são seres humanos. Os sofrimentos, não apenas as alegrias, compõem sua vida cotidiana. Quero lhe propor agora outro tema. Quero que explique um pouco o seu itinerário intelectual. Você trabalhou numa tese de doutorado sobre a imprensa; depois estudou outros objetos, ganhando reconhecimento internacional pelas suas pesquisas e análises sobre as relações entre meios de comunicação e as identidades culturais. Uma de suas projeções na IAMCR deu-se justamente pela valorização das identidades culturais. Mais recentemente, você retornou às suas origens como profissional da comunicação, trabalhando com a questão do mecenato e do patrocínio. Com que objetos pretende trabalhar, depois que deixe a presidência de IAMCR? Porque, agora, você tem um papel de líder e se dedicará sem dúvida a fortalecer e legitimar as ciências da comunicação em todo o mundo. Como pretende desenvolver suas futuras atividades de pesquisa: voltar ao mecenato, ao patrocínio, à questão das identidades culturais? Ou pretende dedicar-se a novos temas?*

Manuel Parés i Maicas – Profissionalmente, os temas que mais me interessam, neste momento, são os temas da cultura política, da comunicação política, da opinião pública, da propaganda política. Ocorre que é preciso

⁵ Quando foi realizada a entrevista, a Profa. Estrella Casas, esposa do Prof. Manuel Parés i Maicas e grande incentivadora da sua carreira intelectual, padecia de enfermidade incurável, vindo a falecer em agosto de 1998.

estar consciente. Tenho 65 anos, me encontro fisicamente muito bem, mas me restam apenas cinco anos de vida acadêmica, quatro dos quais dedicarei a liderar a nossa comunidade acadêmica internacional. Gostaria de escrever um livro sobre a comunicação política, tratando desse fenômeno complexo que é a opinião pública. Trabalhei sobre a identidade cultural, um tema que como catalão continua me preocupando, sobre o papel dos meios de comunicação na identidade cultural. Estou orientando uma tese excelente, de um aluno meu, sobre os intelectuais e os meios de comunicação. Portanto creio que não devo entrar pessoalmente nesse tema. Me preocupou muito o tema dos grupos de pressão. Inspirei duas teses de doutorado sobre o tema e vejo que o tema está esgotado. Minha preocupação cada vez mais se reflete nas relações entre política e comunicação. Na fronteira disciplinar entre a Comunicação e a Ciência Política.

José Marques de Melo – *Para finalizar esta conversa, gostaria de pedir que mande uma mensagem especial. Tanto aos pesquisadores brasileiros, em particular, quanto aos latino-americanos, em geral. Porque você pode inspirá-los positivamente, sendo um dos estudiosos da comunicação mais conhecidos em nossa comunidade acadêmica latino-americana. Você tem sido convidado por várias universidades para dar cursos, palestras, participar de congressos. Que recomendações você daria para as novas gerações de pesquisadores da comunicação na América Latina?*

Manuel Parés i Maicas – Em primeiro lugar, minha simpatia e afeição por todos os latino-americanos. Ainda que pessoalmente me considere profundamente europeu, sempre fui uma pessoa cosmopolita. Pela minha experiência em alguns países da América Latina, posso falar basicamente do Brasil e do México. Creio que vocês devem seguir seu próprio caminho, recorrendo eventualmente às contribuições européias e norte americanas que considerem interessantes. Mas creio que os latino-americanos devem se dar conta que vivem realidades próprias, com um contexto cultural próprio, e que não fiquem com a idéia de países inferiores em relação à Europa e aos Estados Unidos. Eu sou testemunha da grande qualidade de uma série de pesquisadores latino-americanos, que podem perfeitamente equiparar-se aos mais qualificados cientistas europeus e norte-americanos. Digo isto não para elogiar, pois é a constatação da realidade. Eu tive alguns estudantes latino-americanos na minha faculdade, em geral são pessoas de alto nível. Dei também um curso no Brasil e outro no México, onde pude dialogar com muitos estudantes latino-americanos⁶. Por exemplo, me lembro de um caso brasileiro: eram 25 estudantes, na maioria professores e para mim foi uma das ocasiões em que tive mais prazer como docente.

⁶ Em 1996, o Prof. Manuel Parés i Maicas foi convidado pelas Cátedras UNESCO de Comunicação do Brasil e do México para ministrar cursos de pós-graduação, respectivamente na Universidade Metodista de São Paulo e na Universidade Iberoamericana, sobre questões relacionadas com a comunicação política, tema da sua predileção, nesta fase de maturidade intelectual.

Quem é Manuel Parés i Maicas



Prof. Manuel Parés i Maicas,
Presidente da IAMCR - Associação
Internacional de Pesquisa sobre
Mídia e Comunicação

Catalão, nascido em Barcelona, o pesquisador espanhol Manuel Parés i Maicas, atual presidente da IAMCR - International Association for Media Research - tem 65 anos de idade. Bacharel em Direito, iniciou sua vida profissional como Publicitário, destacando-se pela competência como gestor e analista de campanhas.

Ingressou na vida acadêmica em 1972, quando se criaram as Faculdades de Ciências da Comunicação na Espanha. Doutorou-se na área, em 1980, com uma tese sobre a identidade regional da imprensa espanhola. Ministra aulas e realiza pesquisas no campo da Comunicação Política e da Opinião Pública. Conquistou em 1992 o título de Catedrático de Universidade, correspondente no Brasil ao cargo de Professor-Titular. Antes disso, foi

Vice-Reitor da Universidade Autônoma de Barcelona, durante duas gestões, assumindo a coordenação das atividades internacionais e culturais. Desde 1990 é o Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação de Barcelona, a primeira criada em todo o mundo e que serviu como modelo para as congêneres criadas em outros países.

Exerceu durante vários anos o cargo de Professor das Escolas de Relações Públicas de Barcelona e de Gerona, onde desenvolveu estudos sobre mecenato esportivo e patrocínio cultural. Atuou como assessor do Centro de Estudos da Comunicação, mantido até recentemente pelo Governo da Catalunha. Exerceu cargos de conselheiro do Instituto de Ciência Política e consultor do Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Autônoma de Barcelona.

Começou a participar da comunidade acadêmica internacional da comunicação em 1986, integrando a delegação espanhola que compareceu à XV Conferência da IAMCR em New Deli, Índia. Coordenou a XVI Conferência da IAMCR, que se realizou em Barcelona, em 1988, tendo como temática predominante a relação entre mídia e identidade cultural. Desde então, foi assumindo papéis de realce na vida da associação, integrando o seu conselho internacional e participando de comitês de trabalho. Seu prestígio acadêmico e sua habilidade diplomática acabaram por conduzi-lo à presidência da entidade, em 1996, como candidato de consenso, obtendo consagrada votação nunca alcançada por seus predecessores no cargo. Tomou posse no cargo em julho de 1998, na 21ª.

Conferência Científica da IAMCR, em Glasgow, Escócia, devendo exercê-la até o ano 2002. Ele é o 7º. presidente da entidade e o primeiro da Europa ibérica, ocupando uma liderança que historicamente fora exercida, pela ordem, por Fernand Terrou (França), Raymond Nixon (EUA), Jacques Bourquin (Suíça), James Halloran (Inglaterra), Cees Hamelink (Holanda) e Hamid Mowlana (EUA).

Foi o inspirador do Colóquio Catalunha/São Paulo de Comunicação e Política, realizado na ECA-USP, em 1992, ensejando um processo de cooperação entre universidades paulistas e catalãs. Coordenou em 1993 o III IBERCOM - Encontro Ibero-Americano de Ciências da Comunicação, promovido em Barcelona por um *pool* de entidades européias e latino-americanas liderado pela ALAIC. Catedrático UNESCO de Comunicação da Universidade Iberoamericana (México) e da Universidade Metodista de São Paulo (Brasil).

Tem mais de uma dezena de livros publicados, dentre os quais destacam-se: *La televisió a la Catalunya autònoma* (1982), *La ideologia regional de la premsa espanyola* (1984), *Aproximació a Catalunya* (1985), *Spanish Bibliography on Mass Communication* (1988), *Catalunya-Quebec, autonomia i mundialització* (1990), *Comunicació, identitat i relacions culturals* (1991), *Introducción a la comunicación social* (1992), *La nueva filantropía y la comunicación social: mecenazgo, fundación y patrocinio* (1994).